



## A obra literária de José Sarney pela ótica do acadêmico *Daniel Blume*

● PAG 8



O ex-presidente e escritor José Sarney visto pelo olhar crítico do jovem acadêmico da AML, Daniel Blume

## O bonito casamento de Maria Luiza e Felipe Sampaio *realizado em Brasília*

● PAG 4, 5 e 6

Fotos/Divulgação/Herbet Alves



COM

muito charme e beleza  
no bonito restaurante  
Mamma, Carolina Viana  
Plantier comemorou sua  
nova idade

● PÁG. 2

O Almanaque das antigas boticas atravessou gerações de doenças e de achaques do tempo da pharmacia com ph às novas redes de drogarias, até que deparei, outro dia, ao remexer num velho baú, com um desses exemplares distribuídos gratuitamente nas velhas casas do remédio, à época em que brotoeja era uma afecção, resfriado era constipação e baile funk se chamava, simplesmente, rasga roupa, esfrega ou, mais popularmente, sarro.

O livrinho, impresso sob o patrocínio de laboratórios, trazia todo tipo de informação útil e, principalmente, inútil. De como manter grudada ao céu da boca uma dentadura rebelde (Corega!) ou de como manter asseado o “pé de atleta”, livre do desagradável “chulé” - graças ao milagroso talco polvilhado Pé de Príncipe.

O Almanaque era o próprio templo da Panaceia - aquela deusa grega, símbolo da cura de todos os males, através das plantas e da medicina floral.

## O ALMANAQUE

### atravessou gerações de doenças e de achaques do tempo da pharmacia

O Tesouro Nacional padece de grave enjoo, atacado pelo BNDES e pelos farrapatos por dinheiro público?

Calma. Para “tosse” ou para “ambição comprida”, Melagrião. “Melhor não tem”, dizia o jingle tocado no rádio.

E para que o governo não gaste demais e se aproprie do “superávit primário”, basta que todos os aloprados tomem Tintura de Jalapa Composta, um regenerador muscular e moral, garante o Almanaque Capivarol.

Estará o presidente Lula sofrendo de

desânimo, falta de energia vital para manter sua base parlamentar no Congresso?

Simples. O mágico Almanaque recomenda Extrato Fluido de Catuaba - que renova a força física, mental e sexual. Deixa qualquer presidente, homem ou mulher, mais forte do que um Sansão, uma Cleópatra. Um colosso!

Encontram-se no sábio Capivarol remédios capazes de lenir as piores chagas e de cicatrizar até mesmo os piores rombos de qualquer Tesouro: da Previdência

Social à “imprevidência” dos cartões de crédito corporativo. Das “notas frias” da verba indenizatória ao custeio de aposentadorias precoces nas Assembleias...

São maravilhosas essas poções encantadas, que fazem sarar todas as doenças - neutralizando os vírus da covid-19, da dengue, da chikungunya, da febre amarela, da “tosse comprida”, da Ebola - a febre da propina - e até mesmo da epidemia de cleptocracia que há anos assola o país.

Há até um antibiótico natural, a Propolina, confeccionada com resinas balsâmicas, cera de abelha, pólen, óleos voláteis e enzimas, que é o verdadeiro alívio para os males da alma e do bolso, o alívio imaginado por todos os viventes.

Por enquanto, a Propolina do Almanaque Capivarol só não cura três coisas:

Falta de caráter, de vergonha ou de honestidade - atributos que se relacionam entre si, mas que não se encontram ao mesmo tempo num plenário de políticos ou num xarope de pharmacia.

## Contra a desinformação

Os anos 1960 ficaram para trás. Dos meus saudosos professores nunca esquecerei o ensinamento de que deveríamos buscar sempre a verdade e transmiti-la ao público, não importando em qual veículo fôssemos trabalhar.

Naquele tempo, as “redes sociais” eram as conversas dos vizinhos na calçada, dos amigos na mesa do bar, dos velhinhos tomando sol na praça. Eles se informavam pelo jornal, pela rádio e pela TV. E levavam para seu grupo as informações que captavam, correndo o risco de serem contestados por quem não acreditava que aquilo fosse verdadeiro.

Lembro de quando morava no interior e nosso único meio de informação era o rádio. Meu pai ficava sabendo das coisas antes de muita gente e isso fez dele uma espécie de checador informal dos boatos que circulavam na nossa aldeia. Um dia logo depois do almoço chegou na nossa casa o Cel. Eurípedes, vizinho que morava há uns dois quilômetros de distância, e foi logo questionando:

– Geraldo, tu que é um homem sabido, me diga uma coisa. Não é verdade que o homem foi à lua, né?

– Claro que é. Ouvi a chegada pelo rádio. Até as crianças ficaram escutando.

– Me admira tu, um homem que estudou (meu pai tinha estudado até o quarto ano do primário), acreditar numa besteira dessas. A lua tá igualzinha. Na cheia dá pra ver até o São Jorge lutando contra o dragão. Vai acreditar que um homem pisou lá?

## Contra a desinformação...2

Meu pai explicou sobre a Apolo 11, a cápsula que desceu, o astronauta que ficou na nave, a comemoração da Nasa. Não adiantou. O Cel. Eurípedes seguia convencido de que aquilo era uma mentira dos americanos. Tomou mais alguns copos de cerveja e foi embora encasquetado. Voltou alguns meses depois com uma revista embaixo do braço, disposto a reconhecer que estava errado. Deu boa tarde, sentou e logo disse a que vinha:

– Geraldo, tu tinhas razão. Não é que esses danados desses americanos foram mesmo pra lua? Falei com o doutor Herschell (Juiz de Direito da cidade) e ele disse que é tudo verdade. Me deu até isso aqui (e estendeu a revista Manchete) que tem as fotos deles lá. Eu não acreditava, mas se o doutor juiz disse que é, não duvido de mais nada.

## Contra a desinformação...3

Conto essa historinha para dizer, que, infelizmente, hoje o Cel. Eurípedes era capaz de continuar acreditando que o homem não foi à Lua, porque no grupo de WhatsApp, no Telegram ou no Facebook estaria cheio de gente dizendo pra ele compartilhar “sem dó” uma versão mentirosa. Meu pai seguiria acreditando no que ouviu no rádio, mas talvez perdesse alguns amigos por não concordar com eles.

Estamos perdendo a guerra nas redes sociais, mas seguirei acreditando que o papel do jornalismo é buscar a verdade e combater a desinformação.

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



Carolina Viana Plantier e seu irmão Felipe com a mãe Francimar Viana Plantier

## FESTA PARA CAROLINA PLANTIER

O restaurante Mamma, no Calhau, foi o palco escolhido por Francimar Viana Plantier para comemorar a nova idade de sua charmosa filha Carolina, que estava acompanhada do irmão Felipe Viana Plantier.

A noite não poderia ter sido mais agradável, a começar pela presença da avó materna da aniversariante, Dona Maria Viana, que distribuía doses generosas de simpatia e alegria de viver.

A mãe, Francimar Viana Plantier, era o próprio retrato da felicidade ao lado dos dois filhos, cercados por alguns de seus melhores amigos.



Dona Maria Viana com a filha Francimar e a neta aniversariante



Carolina, Francimar, Felipe e Naisa Plantier



Sergio Bogéa Filho, Claudia Nery, Carolina Plantier e Luna Arruda

## Um caminho na areia

Recebi esta mensagem de uma amiga muito especial: “A amizade é um caminho na areia, que desaparece se não se pisa constantemente nele”. Antes de refletir sobre o conteúdo, quis saber quem disse isso. Só que a autoria era mais do que anônima: provérbio africano.

Imagino que os habitantes de um continente de desertos e praias devem conhecer bem as lições da areia.

Tenho lido muito Mia Couto, o moçambicano que, segundo avaliação de Ceres Murad, reinventa a língua portuguesa em cada frase. Ele fala das dores da África com a contundência de uma lança transpassando corações. Às vezes também fala de amizades, da amizade brutalizada dos companheiros de guerra, da solidariedade dissimulada dos famintos de amor, do próprio amor travestido de compaixão.

## Um caminho na areia...2

Por coincidência, os primeiros livros de Mia Couto que me chegaram às mãos foram presente de uma amiga de longo tempo.

No pretérito mais-que-perfeito das nossas juventudes, caminhamos juntos não pela areia, mas pelas calçadas de uma capital estrangeira.

As pegadas da amizade ficaram gravadas em nossos corações.

Nunca sentimos a necessidade de renová-las com a constância sugerida pelo provérbio, mas percebo agora que isso tem sido feito com a espontaneidade de quem passa por uma livraria, folheia um livro e lembra de um amigo distante.

## Um caminho na areia...3

Submeti o provérbio africano a outros amigos próximos, para ver como eles iriam reagir à provocação afetiva.

Uma colega de trabalho respondeu com a objetividade dos concentrados: “Faz sentido”. Outro companheiro de ofício argumentou: “Muitas vezes, pessoas que julgamos nossos amigos mudam de caminho para não cruzar com o nosso. O tempo é capaz de fazer sumir os caminhos abandonados”.

Outra, ainda do time dos que concordam, foi emblemática na resposta: “Uma flor precisa ser regada”.

Recebi ainda, de inspirada amiga, uma resposta poética. A eternamente bela Ceres Costa Fernandes concorda parcialmente com o provérbio e diz que depende do vento que sopra. Em síntese: “Se for a brisa da afinidade, do carinho, da fidelidade, da confiança e do respeito, a pegada fica. Se for a tempestade da cobrança, da desconfiança e da inveja, a pegada (e a amizade) desaparece”.

## Um caminho na areia...4

Mais pragmática, outra amiga inquirida me alertou: “Pelo menos um dos lados tem que manter a amizade viva”. Ela dividiu comigo descobertas de refúgios na Nova York que poucos amigos meus conhecem.

Só uma das minhas amigas discordou totalmente da citação: “Amizade, segundo Tiana Gomes Pereira, uma discreta devoradora de textos literários, é ser eternamente presente, mesmo que se passem anos, décadas...”

Para Tiana, a amizade é o maior sentimento que existe. É um elo que nunca se rompe. É um compartilhamento que não tem outro interesse, não é passionai, diferente da relação pai e filho, mãe e filho, marido e mulher. A amizade é maior que tudo isso pois ampara todas estas relações”. Claro que ela fala das verdadeiras!

As verdadeiras – completo de minha lavra – mantêm-se para sempre indelévels na areia do tempo.



Daíra e Baleiro lançam álbum “Nada de Se Matar ou Morrer de Amor”

## Daíra lança “Nada de Se Matar ou Morrer de Amor”

Com produção do maranhense Zeca Baleiro, álbum marca a estreia da artista como compositora. Entre os destaques, colaborações com o próprio Baleiro, Andréa Bak, Lola Parda, Lucas Fidelis e Zé Ibarra.

Unindo o estilo clássico da MPB com a contemporaneidade, a cantora Daíra apresenta seu lado mais romântico em estreia como compositora, após uma história conectada a canções de protesto e à sua efervescente vontade de mudar o mundo.

O quarto álbum da cantora, “Nada de Se Matar ou Morrer de Amor”, chegou às plataformas digitais no dia 30 de janeiro.

A niteroiense, que iniciou sua trajetória musical aos 10 anos, agora dá um passo marcante como compositora. “Peguei uma série de traumas e essa sensação, e transformei tudo em empoderamento. É isso que eu fiz nesse disco, a partir de vivências que me fizeram sentir muito, amar muito e me perceber mulher nesse mundo”, revela Daíra.

O disco conta com a produção musical de Zeca Baleiro, que contribuiu com sua sensibilidade para dar forma às composições de Daíra. “Eu conheci a Daíra por meio do disco Amar e Mudar as Coisas”, em que ela homenageava o Belchior, e achei muito bonito, muito intenso. Algo nela me lembrou a chegada da Cássia (Eller). Um grande amigo em comum, o Alexandre Valentim, empresário da Elba Ramalho, sempre falava que precisava fazer alguma coisa com essa menina, um talento e tal... e eu fui prestando atenção nela e vendo que realmente tinha uma voz muito pessoal, muito peculiar... E quando eu falo voz, eu falo tudo, de estilo, de pegada, de modo de cantar. Depois fui descobrir o lado compositor dela e fiquei mais encantado ainda. Por isso a convidei para produzir seu disco, que é o primeiro autoral”, relembra Zeca Baleiro.



Fotos/ Divulgação/

**R**osimar Guimarães Salgueiro mudou de idade no dia 30 de dezembro, mas passou a data com sua família no Norte de Portugal. Mas suas amigas de São Luís se reuniram na última terça-feira, na residência de Ana Cristina Maranhão e homenagearam a aniversariante com um encontro festivo de muito charme e simpatia. Na foto, da esquerda para a direita, Silvana Duailibe Abreu, Socorro Bispo, Socorro Guimarães Carvalho (irmã de Rosimar), Dulce Clementino, Francimar Viana Plantier, Rosimar Salgueiro, Ana Maria Imbroisi, Marilêa Santos Costa, Ana Cristina Maranhão e Virgínia Leal Duailibe

## Peitão mesmo!

A coisa está feia e requer uma ação imediata. Peitão mesmo! Salvo raríssimas exceções, e quem sabe apenas uma, mas a questão é que os bares fecharam as portas para as bandas da cidade.

A preferência é pela voz e violão, um seletor aqui, um DJ da vez acolá. O negócio é não atrapalhar a degustação da porção de fritas. E banda é sinônimo de custo.

Mas antes que todos se afoquem nesse anacronismo reinante, que tal uma virada de rumo? Vamos abrir espaços e fazer a história. Vamos vingar o Underground. Acorda garotada!

## Situação atual

Para consolidar o projeto de estruturação da Procuradoria-Geral Federal em todo país, os chefes de cada Procuradoria Federal terão 60 dias para apresentar um relatório sobre a realidade encontrada nessas unidades.

A proposta de centralização de todos os órgãos da PGF em um único prédio nas capitais e municípios brasileiros, prevê a melhoria da qualidade dos serviços jurídicos e a racionalização dos recursos logísticos e humanos.

## No bom caminho

O Ministério da Previdência adota uma providência que já tardava. Prevenir-se contra os que buscam benefícios que nunca lhes foram devidos.

A maioria dos que agridem médicos querem licença para a vadiagem ou buscam aposentadorias sem nunca terem contribuído com um vintém para os cofres do INSS.

Outros querem simplesmente serem declarados inválidos para o trabalho, com a saúde de "vaca premiada", como diria Nelson Rodrigues.

Se pega no Brasil a moda lançada pelo ministro japonês que, acusado de corrupção enforcou-se, ou iria faltar corda ou vaga nos cemitérios.

O leitor lembra o caso de prefeito cearense que, acusado de corrupção até pensou em enforcar-se. Desisti porque o preço da corda estava pela hora da morte, como se diz lá.

## Ácido fólico

A ingestão de ácido fólico, a vitamina B, reduz em até 30% o risco de ataques de apoplexia, segundo estudo divulgado na revista médica The Lancet.

A vitamina B já era recomendada às grávidas como prevenção a defeitos congênitos nos bebês.

Agora sabemos que também é benéfica às artérias.

## Carnaval do PH Revista será no dia 22 de fevereiro

Celebração à alegria, ao amor, à vida. Essa, a mais justa definição para o almoço anual com que, ao lado dos amigos e pessoas gradas da sociedade, festejamos a existência feliz do PH Revista, caderno editado ininterruptamente pelo Grupo Mirante, há 46 anos, pelo Grupo Mirante.

Espécie de senha para o ingresso definitivo das pessoas elegantes e de bom gosto no clima carnavalesco que toma conta do país e que, mais uma vez, contagia os foliões desta Ilha, o baile-almoço do dia 22 de fevereiro, sábado magro de Carnaval, nos salões do Palazzo Eventos, tem tudo para ser um acontecimento cuja explosão de felicidade poderá ser medida pela beleza das fotos que divulgamos após cada evento.

É a consagração absoluta dessa reunião de todos os anos, em que o Carnaval é apenas o pretexto para a expansão de amizades, a consagração de afetos e admirações e a explosão da criatividade, com muita alegria e o refinamento permitido numa festa de pura descontração e comunhão com o Bem.

## Carnaval do PH Revista...2

É cada vez maior o número de pessoas de nossa sociedade que já confirmou presença na edição 2025 do tradicional Almoço de Carnaval promovido por esta coluna e o caderno PH Revista.

Estamos a pouco mais de duas semanas do evento e já está confirmada para este domingo, dia 9, a data para o início da entrega das camisetas-convites para acesso a essa grande confraternização da sociedade maranhense.

A partir das 10h do dia 9 (domingo) – e durante o restante do dia, uma grande equipe comandada por este Repórter PH e Teresa Martins, estará a postos numa sala especial do Rio Poty Hotel & Resort, para fazer a entrega das camisetas-convites para o almoço mais badalado da temporada carnavalesca de São Luís.

## Carnaval do PH Revista...3

Vale lembrar aos convidados que eles devem fazer a confirmação de presença o mais breve possível para que possamos proceder as reservas das camisetas-convites.

Este ano, quem não confirmar presença com antecedência correrá o risco de ficar de fora da folia, pois não teremos tempo, após a semana de entrega, para confeccionar novas camisetas.

As peças, belíssimas, são, mais uma vez, uma criação do web designer Jovelino Furtado, que conseguiu captar de forma magistral detalhes da beleza da cultura árabe. E as camisetas, como se sabe, são de uso obrigatório pelos convidados para terem acesso à festa, e são pessoais e intransferíveis.

Ou seja, não adianta passar a camiseta para terceiros que estejam na lista de convidados, pois quem não tiver o nome confirmado na lista, terá o acesso negado.

## Carnaval do PH Revista...4

Esse encontro, que reúne o creme do creme da sociedade maranhense e acontece sempre no sábado magro de Carnaval, é exclusivamente para convidados.

A lista, como todos sabem, vem sendo mantida há mais de 30 anos, sem grandes alterações, pois são raríssimos os acréscimos ou exclusões.

Para a confraternização deste ano, que marca os 46 anos de circulação do suplemento PH Revista e os 37 anos do Almoço do PH, a designer Cintia Klamt Motta escolheu para tema da decoração, uma releitura da versão árabe de "As Mil e Uma Noites".

Cintia projetou uma ambientação inspirada nas belezas do mundo árabe para compor o cenário dessa grande festa do nosso Carnaval, considerada o momento de maior charme, glamour e elegância da temporada nesta Capital.

Fotos/ Divulgação/ Herbert Alves



Cenas de outras festas em clima de Carnaval realizadas pelo PH Revista: acima, Andréa Murad e Virna Fecury Zenni



Leticia Bogéa Castro e sua avó Maria da Graça Albuquerque em outro Almoço do PH Revista



Sempre caprichosos nas produções para brilhar no almoço do PH, o oftalmologista Fábio Lúcio Santos e Mônica

## Memória e esquecimento

Faço coro com o cronista Marco Matos quando pergunta a si mesmo: até quando vamos lembrar das coisas que vivemos e jamais gostaríamos de esquecer?

É preciso partir da ideia de que nenhuma lembrança é eterna. Ou a gente esquece, ou morre com a gente.

Confesso, como Marcos Matos: tenho medo de esquecer. O esquecimento é um dos piores castigos pra qualquer pessoa. A vida é tão rápida que as memórias são pedacinhos da gente distribuídos ao longo tempo.

Esquecer é apagar o que existiu, é jogar fora a conexão com o que forma a gente, a nossa personalidade é baseada nas memórias. As lembranças moldam nosso padrão de comportamento. É através delas que é possível compreender quem a gente é, o que nos trouxe até aqui. O que seria (ou será) de nós sem essas informações?

## Memória e esquecimento...2

Eu não estou preocupado com a história, com os fatos marcantes do mundo. Eu não quero esquecer jamais o que aconteceu comigo. O ruim e o bom. Muitas lembranças da minha infância são péssimas, mas até disso eu quero seguir lembrando sempre que for preciso.

Perder a lucidez me assusta. Eu não consigo imaginar o que é viver no esquecimento de uma doença. Sinto calafrios ao imaginar essa possibilidade, não tenho dúvida de que esse é meu maior temor.

Haverá de existir um sistema de inteligência artificial, um medicamento, uma terapia capaz de prevenir isso no futuro próximo. Fica meu apelo à ciência: debruce em estudos, pesquisas, tentativas. Por favor, encontrem uma saída.

## Memória e esquecimento...3

Lembrar também é viver. Que sentido a nossa existência teria se não existissem as memórias? Pense como seria viver hoje sem lembrar de nada que aconteceu ontem? De que adiantaria ser feliz agora?

Eu tive uma avó que esqueceu de tudo. Lembro como se fosse ontem. Nunca senti tanta angústia.

Ver alguém não reconhecer os próprios filhos, netos. Não saber nada de si. Não saber onde está. Não ter ideia de nada que acontece naquele espaço. Tudo é desconhecido. As referências não existem. Não há um cheiro, um rosto, um toque que te conecte com o teu eu. Não há mais vida, mesmo vivo.

## Memória e esquecimento...4

Perder a memória é desumano. É uma condição que vai contra a beleza de estar vivo. É duvidar de si. Esquecer o passado é jogar-se num abismo branco, sem fundo, sem som, sem nada. É a ausência de tudo.

Não me importa se os outros vão lembrar de mim depois que eu partir, eu só peço para que eu mesmo lembre de mim até o dia de morrer.

## Beauty Nails

Quem costuma sair do país sabe que não é nada fácil fazer as unhas. Algo quase imprescindível para as mulheres brasileiras.

A qualidade das manicures não se compara com a das brasileiras e deixar as mãos mais bonitinhas é uma fortuna.

Brasileiras que estão em Londres se dizem encantadas com uma técnica mais duradoura.

A Ever Lasting Nails deixa as unhas lindinhas por quatro semanas. É uma espécie de gel, que não descasca, e, na hora de pintar, as mãos são colocadas em um produto no qual a pintura seca rapidamente.

Tem esmalte de todas as cores, as unhas ficam mais resistentes.

Não seria um sonho encontrar o tal esmalte por aqui?

## Tudo normal

As zonas de prostituição, antigamente, eram instaladas em áreas distantes daquelas frequentadas pelas chamadas "mulheres honestas".

Com os celulares e os anúncios classificados nos jornais, instalaram-se, definitivamente, em prédios e condomínios residenciais, principalmente no centro das cidades. Pois agora, parece que escancararam de vez.

Esta semana, nas saídas dos shoppings de São Luís vários jovens foram vistos distribuindo panfletos anunciando garotas num edifício pra lá de conhecido em bairro nobre da cidade.

Pensando bem, não tem por que se incomodar. Vai quem quer. E o Brasil já virou uma grande zona há muito tempo.

Fotos/Divulgação/Wey Alves e Nina Quintana



A noiva com o pai entrando na igreja



Monia Ibrahim Guimarães e Osmir de Cássia Sampaio



Os noivos diante do sacerdote fazendo juras de amor eterno



O noivo Felipe com sua mãe Maria da Graça Murad Sampaio

## O CASAMENTO DE MARIA LUIZA E FELIPE

**A** cronista Claudia Meireles dedicou a página social que assina no portal Metrôpoles DF à cerimônia de casamento de Maria Luiza Ibrahim Guimarães e Felipe Murad Sampaio realizada na quinta-feira, dia 30 de janeiro.

Cercados de familiares e amigos de Goiás, Brasília e Maranhão, eles trocaram alianças em uma emocionante cerimônia no Santuário Dom Bosco.

Amigos desde a infância, Maria Luiza e Felipe demoraram um tempo para perceber que o amor estava mais próximo do que eles imaginavam. Quando os dois notaram que aquela amizade e parceria poderia se tornar algo muito maior, não se desgrudaram mais e construíram um companheirismo encantador.

Embora tenham personalidades diferentes, os noivos têm muito em comum. Além da origem goiana, eles dividem a paixão pela medicina (ele é neurocirurgião e ela pediatra). Ambos festudaram em São Luís, onde moram atualmente.

Na presença de entes queridos, os

noivos trocaram votos apaixonados. “Quando nos permitimos nos conhecer de verdade, não conseguimos mais parar de conversar. Em uma semana já éramos namorados, há seis meses noivos. É incrível como em tão pouco tempo não conseguia mais me ver sem você”, se declarou Maria Luiza.

Emocionado, Felipe declarou para todos os diversos motivos que o faz amar tanto Maria Luiza. “Não tenho dúvida de que você foi um presente do cara lá de cima com o seu jeitinho único de ser, ou melhor, múltiplos de ser. Eu me apaixonei por todas as suas versões”, disse. “Com você eu fico completo.”

Depois do tão sonhado “sim”, todos seguiram para uma animada comemoração no Unique Palace, onde os convidados foram recepcionados com um delicioso jantar. A recepção contou, ainda, com apresentação do cantor Daniel Valadão. Em seguida, todos aproveitaram a pista de dança com um DJ super animado. Para finalizar, os convidados curtiram o animado show de Matheus Vargas.



Os noivos ao lado do bolo de casamento



A avó da noiva, Abadia Ibrahim, levando a imagem de Nossa Se-



A avó do noivo, Cirene Murad com a imagem de São José



Os noivos com os pais dele, Maria da Graça e Osmir Sampaio



Os noivos com os pais dela, Monia e José Luis Guimarães



Os noivos com suas avós Cirene Murad e Abadia Ibrahim



Ceres e Roosevelt Murad



Felipe Saldanha Santos e Maria Fernanda Sarney Santos



Tereza Rocha



Ricardo Miranda e Maria Luiza



Monia Ibrahim Guimarães, José Luiz Guimarães e Abadia Ibrahim



Márcia Viêgas, Graça Sampaio, Maria Luiza Miranda e Cida Valadão



Raissa Murad, Lorena Abdala, Juliana Etz e Rebeca Murad

Fotos/Divulgação/Wey Alves e Nina Quintana



Os noivos Maria Luiza Ibrahim Guimarães e Felipe Murad Sampaio chegando ao altar principal do Santuário Dom Bosco



Cida e José Aparecido Valadão



Ministro Reynalzo Soares da Fonseca (do STJ) e Luziana do Vale Campos Soares da Fonseca



Maria Luiza Miranda, Isabela Bacelar e Ludmilla Fecury



Cirene Murad e Soraia Gonçalves



Myrela Sampaio e Alexandre Faria



Elizabeth Rodrigues e sua filha Isabella Caracas



Raquel e Eric Rodrigues Murad



Os noivos com Rodrigo Klamt Motta e Marcella Tranchesi



Beth Soares e Elizabeth Rodrigues



Gabriela Amorim, desembargadora Graça Soares Amorim e Sergio Valente



Bibiana Dalmolin, José Luiz Filho e Antônio Guimarães



A noiva Maria Luiza com a irmã Maria Eduarda e a mãe Monia Ibrahim Guimarães



Filha e mãe: Sara e Célia Rossetti



Isadora Ibrahim e Jorge Ibrahim



Myrela Sampaio e Alexandre Faria

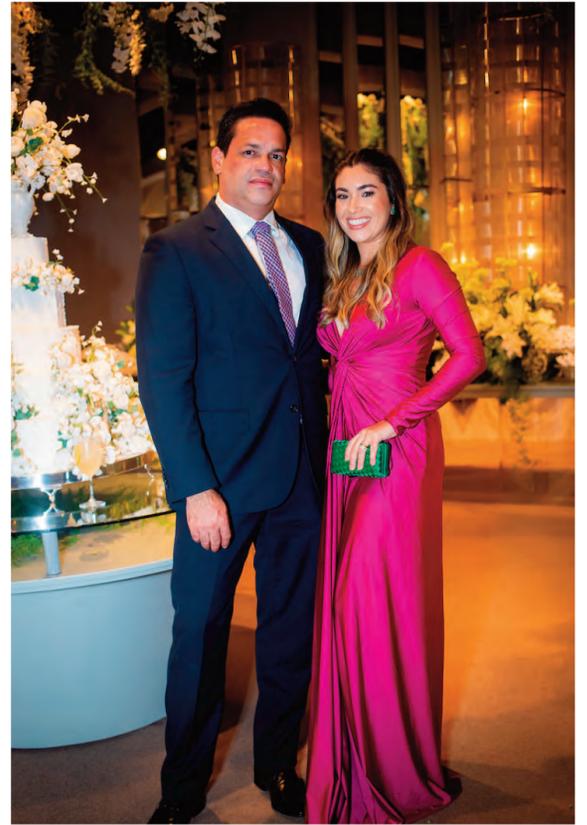


Cabeleireiro Osvaldo Rodrigues

Fotos/Divulgação/Wey Alves e Nina Quintana



Rafael Saldanha Albuquerque entre Marcella Bacelar, Leticia Fecury Pinheiro, Maria Fernanda Sarney Santos, Marcella Tranchesi e Renata Murad Figueiredo no casamento de Maria Luiza e Felipe Sampaio



Raphael e Amanda Dualibe



Desembargadora Graça Soares Amorim



Ana Célia e Periguari Lucena



Elizabeth e Rafael Sampaio



Isadora Ibrahim, Abadia e Jorge Ibrahim



Marília Mendes e Daniel Murad Sampaio



Giovana Pierre e Igor Murad Schmidt



Monia Ibrahim Guimarães e Maria Luiza Miranda

### Rima fácil está proibida

Não resisto e me copio. Gosto do que escrevi antes de perder o rumo. Coloquei as fantasias em leque para escolher uma. Descobri que nada tenho, flor de cacto. Não sou invasivo, apenas te cerco. Quando menos esperas, estou dentro.

Uma hora a gente se enxerga, num aperto sem trégua. Oculta nas plantas, olhas pelo poema, flor estranha. Guardamos segredo, cheios de não sei o quê, talvez de vergonha da alegria. Falamos de manhã, quando, sem noção, batemos asas.

O melhor da praia é a lisura da tua pele, ainda intacta de tão madura. Finja que somos estranhos. Assim mantemos a vibração do primeiro encontro. Tudo resolvido. Eu mostro minha queda, você aceita o pedido. Apaixonada assim à toa. Por um verso apenas, incerto e solto. Escorregas fácil no confronto. Ou então tens a manha e eu tropeço.

Distribuir poesia é treinamento. Para um dia dividirmos o alimento. Cansou de mim, apressada. Sou um verão que acaba cedo. Não encontramos o caminho de volta. Tudo se fecha, como por milagre. Procuramos abrigo no inverno precoce.

Não vou deixar pistas da minha passagem. Fiquei invisível para que não finjas ignorar-me. Quando acordares, serei vento na tarde. No teu caminho abre-se toda a diversidade do sonho, andarilha.

Fuja, fuja. O final da fuga é o seu início. Entregue-se, artista.

Palavra é divertimento. Jogue de volta por cima da rede.

Rima fácil está proibida. Esforce-se, querida.

Amor, só depois da chuva. Agora sue a dúvida de atirar-se na canícula do teu sonho.

Menos, agora. Prepare-se. O ano promete muitos dias de desmoralização dos sentimentos. Gele até a pose máxima da competência.

Não desistes, flor na inundação dos meus dias. Viajas até chegar ao porto supremo do amor correspondido.

Moras onde não te toco. No precário equilíbrio de uma sintonia. De onde jorra a fantasia em longa queda, como dos penhascos se joga a água em queda livre.

Te perco todos os dias, amor que nunca me deixa.

**Evandro Júnior**

evandrojr@mirante.com.br

# TAPETE VERMELHO

\_evandrojr

@evandrojr



O jornalista Evandro Júnior e a hostess Mirella Castelo Branco entre o influenciador digital Paulo Roberto e a dentista Dhyesse Holanda curtindo a domingueira no Casarão Beira Dumar, que recebeu dois cantores de Teresina (PI) no último fim de semana



Fotos/Divulgação

O humorista Fábio Rabin se apresenta em São Luís neste domingo (9), às 19h, no Teatro Arthur Azevedo, com seu novo show, intitulado "Ladeira Abaixo". É o sétimo show solo de comédia stand up de Rabin, que aborda as desesperadas tentativas de um homem para reconquistar sua esposa após algumas falhas. Com um olhar divertido, Rabin compartilha experiências de viagens internacionais, um inesperado encontro com os atores do clássico "De Volta Para o Futuro" e até mesmo suas aventuras em alto-mar em busca de uma baleia



Maranhense Zil Oliveira sendo recebido por Narcisa Tamborindegy em seu apartamento, no luxuoso Edifício Chopin, no Rio. Ao chegar no prédio, Zil foi homenageado pela socialite falando seu nome em um megafone do alto do prédio, uma cortesia de Narcisa aos amigos que admira



Os empresários Almistron e Célia Marinho, da AmoVinho, aproveitaram a noite da última terça-feira (4), durante mais uma edição do projeto 'TPM', para apresentar, oficialmente, os vinhos Alma Gratidão italianos, que chegaram em duas versões exclusivamente para o bistrô e adega do Parque Shalon: o branco Pinot Grigio e o tinto Primitivo, ambos produzidos em Puglia, no Sul da Itália. No registro, o casal com Dalva Rêgo, curadora do 'TPM'

- Um dos mais atuantes e emblemáticos compositores maranhenses, Luís Henrique de Nazaré Bulcão é como um patrimônio tombado da cultura maranhense e não se cansa de compor.

- No auge de seus 75 anos bem vividos, as inspirações dormem e acordam com ele, sempre o instigando a escrever poesias e músicas que exaltam sua terra, sua gente, as estrelas e o céu que cobre a Ilha do Amor.

- Dono de um vasto e consistente currículo, que perpassa experiências como professor e gestor público, Bulcão sempre diz que é aluno de José Pereira Godão na poesia e de Herberth de Jesus Santos na prosa.

- Do primeiro, é parceiro até hoje. Ele seria um João do Vale urbano, das margens do Bacanga, inspirado nas luas da vida, com anel de doutor e bacharelado, como diria Godão, referindo-se ao amigo poeta.

- Sempre atuante e fiel ao grupo da Madre Deus, Bulcão é o autor da nova música do Bicho Terra, 'Ôla do Bicho', que já está sendo executada nas apresentações e cortejos do grupo cultural neste pré-Carnaval em São Luís.

- Ex-secretário de Estado da Cultura no governo de Roseana Sarney, Bulcão é bastante conhecido por criar letras que fazem conexão e exaltam a Madre Deus, berço cultural da Ilha do Amor.

- Com 'Ôla do Bicho', ele afirma que a ideia foi convocar os foliões a entrarem na onda do Bicho. A canção é mais uma preciosidade do poeta que escreveu verdadeiros hinos do Carnaval maranhense.

- Este ano, Bulcão, ao lado de José Pereira Godão, diretor artístico da Companhia Barrica, receberá uma merecida homenagem no desfile da escola de samba Turma do Quinto, da Madre Deus, bairro onde ele cresceu e foi criada a Companhia Barrica, que idealizou o Boizinho Barrica, o Bicho Terra e a Natalina da Paixão. O sambanredo é intitulado 'Na peleja e folia dos seus poetas de estrelas e luas'.

- O artista de primeira grandeza e criativo compositor já perdeu as contas de quantas músicas compôs para a Companhia Barrica, entre letras para o lírico Boizinho Barrica, para o esufante Bicho Terra ou para o tocante musical Natalina da Paixão, que ganha espaço na Quaresma e no Natal.



Os maranhenses Macau e Anna Torres participaram da cerimônia de entrega do Grammy Awards 2025, em Los Angeles (EUA). Ele como membro votante da academia e ela concorrendo com uma música de impacto social. No registro, Macau e Anna na Crypto.com Arena



## Exposição sobre Alcione

O Instituto Cultural Vale vai receber convidados, no dia 12 de fevereiro, para apresentar, em seu centro cultural, na Praia Grande, a exposição 'Com Amor, Alcione', em homenagem à vibrante voz negra do amanhã.

A mostra inédita, organizada pelo Centro Cultural Vale Maranhão, via Lei Rouanet, nos presenteia com uma visão panorâmica sobre vida e obra desta grande artista brasileira e maranhense, que leva, há 50 anos, o Maranhão e o Brasil para o mundo. A visitação será livre e gratuita a partir do dia 13 de fevereiro.

## No Haras 4 Irmãos

A Granorte, pioneira no trabalho de exploração, beneficiamento e comercialização de material britado para construção no Maranhão, é uma entusiasta do esporte como ferramenta social e de grande importância para a saúde física e mental. É por isso que a empresa está sempre dando suporte a eventos e atletas de diferentes modalidades.

Agora, a Granorte vai apoiar o I Circuito Luís Almeida de Três Tambores, a ser realizado em três etapas no Haras 4 Irmãos (haras4irmaos), no município de Raposa, região metropolitana de São Luís, reunindo cavaleiros e amazonas. Participarão pelo menos 400 competidores.

## Camarote Orla

A exemplo do ano passado, o circuito de Carnaval da Avenida Litorânea será marcado pela diversidade de artistas, bandas e espaços. No que diz respeito aos espaços, desta vez haverá mais camarotes, para que os foliões possam ter uma visão estratégica das atrações.

Um dos camarotes chama-se Orla e é assinado pela AMZ Company, dos empresários Alípio Moraes e Márcio Barbosa. A produção é do produtor cultural Anderson Melo. Os ingressos estão à venda.

O espaço é grande e confortável, possibilitando o vaivém de pessoas por toda a sua extensão. O camarote será animado por DJs e bandas tocando ao vivo. Além disso, há espaço food, bares exclusivos, banheiros climatizados estrategicamente distribuídos, decoração temática e ativações de grandes marcas.

# JOSÉ E(M) POESIA OU TODA A POESIA DE SARNEY

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



José Sarney e Daniel Blume de Almeida

O político ou o poeta, qual deles precede na vida de José Sarney? Confesso ter sido essa a primeira questão que veio a lume quando me comprometi a escrever o prefácio de sua "Poesia Reunida", editada pela Resistência Cultural.

Assim como quase todo o maranhense vivo ou por nascer, de início, conheci o político José Sarney, o único de nossa terra a presidir o país, depois de governar o estado.

Sem titubear, tenho como afirmar que "brasileiros e brasileiras" sabem que Sarney é também escritor, integrante de academias literárias importantes, dentro e fora das nossas bordas. Mas poucos – poucos mesmo – sabem do Poeta que se deve grafar em maiúsculo.

Falo de uma poesia como catarse, mas não cartesiana, pois despida de métrica definida e de pudor literário – ou melhor, desvestida de receio do poema revelar a pessoa por detrás do texto. O homem sem fardão acadêmico nem jaquetão político, porque, antes de Sarney, apenas José.

É uma honra esboçar considerações sobre poemas reunidos de José Sarney, os quais leio considerando o trajeto de suas publicações, entre "A Canção Inicial" (1952), "Os Maribondos de fogo" (1978) e "Saudades Mortas" (2002). Ressalto a significativa presença do poeta entre os jovens escritores maranhenses da década de 40. Considero, inclusive, benéfica a morosidade com que os ideais antecedentes aqui chegavam, por encontrar nesses livros, com maior ou menor intensidade, marcas da poética de outros tempos.

É um livro de um maranhense – poeta e político – que cronologicamente inaugura seu canto existencial de forma curiosa. Nesse ano de lançamento de Canção Inicial, Sarney se elegeu suplente de deputado federal. Foi o momento em que "fez parte da geração de jovens que, em fins da década de 40 e início da década de 50, promoveu, por assim dizer, a ressurreição de nossa vida literária". Tempo em que "não haviam tomado conhecimento sequer dos efeitos causados pela Semana de Arte Moderna, em 1922", fazendo com que o modernismo chegasse "já velho, em nossa ilha".

As informações necessárias, acima e entre aspas, estão em prefácio de José Chagas. Importam-nas ao leitor que precisa considerar o momento de publicação desta obra poética: dava-se a chegada gradual do Modernismo ao Maranhão. Uma escola literária que vinha pelos mares do nacionalismo, quando esses jovens ainda velejavam nas marés anteriores. Mesmo que, na época, a Semana de 22 tivesse se passado há 32 anos e, no estilo poético de Sarney, em Canção Inicial, já se localizassem elementos de nossa identidade, há, nesse início, ideais simbolistas que ainda pairam no todo da obra, os quais se selecionam, aleatoriamente, no decorrer da leitura.

Ora, nesse processo, fui-me deixando embalar por uma análoga viagem entre atmosferas bem presentes da obra do poeta simbolista Cruz e Sousa, principalmente quando Sarney segue "nuvens", "plumagens de garças", "espumas", "brancura", "sombrias", "silêncios", "musicalidade de canções esparsas", "montanhas geladas", "frios lábios glaciais", "navio perdido na bruma". Mas, na poética de Sarney, as palavras já galopavam. Elas são "égua selvagens açuladas esperando" para ir "mais longe que as montanhas geladas onde o mundo é ternura" (p.6). Nessas palavras em que o poeta toma galope, ele ainda atravessa espaços "onde simbólicos são os ventos", (p. 6) e o mundo termo "e branco" vai cedendo lugar ao campo, em que há "poços esquecidos" a serem destampados, porque detritos comem a "solidão e a triste lembrança nas águas". E vai cedendo lugar ao mundo, à "Terra das almas que passam. Terra dos velhos que não viveram. Mundo dos vivos que já morreram. Mundo das bocas que só palavras. Mundo dos mudos mais eloquentes que o silêncio das prostitutas abandonadas nas velhas coplas que vêm de noite. Mundo meu mundo, que vários caminhos em ti vão dar?" (p.10).

A partir daí, o poeta começa a farejar poesia no chão da realidade, porque "o ritmo avança com fúria e ódio dentro das veias e vai no sangue fazendo a alma desejo e bola." Sua poética traz "cheiro de negra pele"; considera fontes "os sujos poros"; a alegria que faz esquecer "o Congo a mulher e os filhos a língua e o bucho e o novo comício do amor liberto sem nome e terra avança histórico ao quente som da banda de jazz" (p.10). Sua poética traz o povo livre (p.11).

Traz o Capibaribe de Manuel Bandeira em Balada do Recife (p.11). Traz o ritmo do menino na bola que vai e que vem como na vida que é trem.

Na poética de Sarney a lua clareia e deixa ver as casas e deixa-o ver-se nelas, no local que resiste em ser espelho. Mesmo assim a alma poética transforma a lembrança em teias que não servem mais para esconder, mas para alongar o fio da lembrança (p. 16). O branco não é mais vazio, porque o poeta pinta com ele o banco de onde contempla "os suicídios, os casamentos e as sempre promessas que o tempo come." Do banco, o poeta parece cantar também "a cidade de Balsas", "galopes", "colinas", "chapadas", a "penumbra dos buriúzeiros", "os brejos", "as boiadas", "os cantos dos vaqueiros", e "um corpo de mulher entregando os seios às coplas do aboio ao longo das águas" (p.19). Lembrei de uma estátua de Sarney contemplativo num banco do Calhau.

Era 1978 quando nasce "Os Maribondos de Fogo". Com essa obra, Sarney atravessa outros tempos com seu estilo: o do Romancista, que mais canta do que narra numa dimensão lírica cujo coração expõe raízes da terra do Maranhão e cuja poesia extrapola do que sente ao que enxerga. Falo da infância vivida e a memória de tudo o que não passa e que acaba por constituir a alma poética. O poeta Sarney funde lirismo diante da realidade que é projetada de dentro para fora. E o que está fora, o povo, é ele, o poeta, objetificado na realidade dele e por causa dele. É um caso de "intra-histórica", de acordo com João Gaspar Simões, em prefácio da referida obra.

O estilo do poeta, autor de "Os Maribondos de Fogo", permeia a discussão que o considera à semelhança do "romance", assim denominado pela musicalidade que segue sem perder a "cantilena", bem ao gosto popular, tal qual o "poema do povo" que traz uma narrativa cantada. "As minhas águas que descem/ no leito dos rios mortos/ trazem boiando memórias/ versões de cinzas e sonhos/ onde nadei as braçadas/ do exílio dessas infâncias." [...] Boiando dentro de escamas/, este sonho me navega/ com um recado de morte que recebi e não sei, sabendo que assim serei (p. 23).

Não me furto à tentação de reler alguns trechos de "Os Maribondos de Fogo". Destaco: "Por ódio de que eu quis/ matar a tudo e matei. Matei o cachorro e o medo/ que me latindo eu buscava/ entre punhais e jasmims/ restos de vinho e de mel. (p.26). [...] A surda cama de palha/ onde deitados chegamos/ a ver as luas da noite/ pousadas no nosso corpo/ é como sombra perdida/ nesse vazio deixando/ cinzas montanhas de amargos/ que o gosto não apaga nunca, / frias cantigas rouquenhãs / feitas de gente e de morte/ morte de amor e de gente (p. 27). [...] A parede está caída/ É terra, pedras e musgos. Nenhum gigante ou desejo/ levantará a montanha/ do escombros dessa tragédia/ Nosso sorriso está morto e seu andar é um peixe/ nadando num aquário branco/ de algas que não germinam" (p. 28).

Leio "Os Maribondos de Fogo" como metonímia do Maranhão, terra para a qual nunca disse adeus, por amor e por dever de amar o sonho

esmagador visto pelo poeta. Quando viaja no tempo, ele vê também "as turvas touceiras/ de espinhos e de punhais/ com os maribondos de fogo/ que sangram, picam e devoram" (p. 28). Nasce uma espécie de missão política do poeta: uma luta pelas lutas do povo, seus sofrimentos entre espinhos e punhais.

Percebo um diálogo entre o poeta e o político. E a visão profunda da poesia torna-se culpa na alma do homem José Sarney. "NÃO me julgueis pelo bonde de minha infância que matei porque eu o amava e o matei, como se não mata o amor, mas pelo ineditado da morte./ ELE não corre e foram minhas mãos que o trucidaram e trucidaram com ele as moças todas que estavam na janela e eu desejava casar para fazer filhos que de novo pegassem o bonde e fossem até o fim dos caminhos e de novo fizessem outros filhos e outros mais para que o bonde fosse o trilho eterno e não o fim do filho. [...] eu matei tudo/ e tudo me matou/ E as margaridas e flores bestas/ as nossas flores/ não papoulas ou rosas, mas café-bravo/ boizinhos-de-são-caetano e salsa roxa/ Amor-demais e oitismaduros/ que até hoje não perfumam os dias nem nada/ porque o mundo está estúpido sem as frutas antigas e as mulheres do meu tempo". Como disse Chagas: sem o poeta, Sarney não seria o político atuante que é. Não se trata de um político que resolveu ser poeta.

O título da última parte é Romancista, com os "cantares do Maranhão", um gênero poético pelo qual a narrativa é uma espécie de cantiga. "Ai, disse minha Rainha/ que um dia foste minha/ nos campos de Urucurama". (p. 43). [...] Por que choras cantaria? –SAUDADES de Portugal/ cantares do Maranhão. [...] Por que choras velha fonte? –SAUDADES de Portugal/ cantares do Maranhão. [...] SAUDADES do Cais do Tejo/ Alcobaca, Aveiro, Açores/ os mares que enfrentei/ navegando em velhas tábuas/ por noites, luas e tempos/ e ficar onde fiquei/ nas teias da eternidade sempre presa a este chão/ que me divina e devora – SOLUÇOS do Maranhão" (p.45).

"Os Maribondos de Fogo" é essa obra que guarda engenho e arte da terra no coração do poeta que queima tal qual a ferroada do maribondo entre "touceiras de espinhos e de punhais que sangram, picam e devoram". Depois dessa leitura não me surpreendeu saber que dois anos depois da publicação dessa obra, Sarney foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras.

Já "Saudades Mortas" é um livro publicado em 2002. Nessa obra, o poeta me fez entender que a saudade morre quando vira memória e congela lugares, pessoas e fatos. Retira os musgos do tempo, ao cuidar do mistério do vazio no batente das despedidas. Por excelência, esse é um livro memorialístico e reflete arquivos feitos de experiências que saltam de som, retrato, paisagem e tantos elementos locais que são a própria alma do poeta fora do corpo na alucinação da máquina que mistura "tipos e aranhas". É o momento de deixar "as coisas vivas morrerem e as mortas viverem". Talvez seja assim que a saudade volte a viver, trazendo de novo o passado que faz o retrato falar (p.53).

E assim o poeta José diz: "Acorda saudade do possível/ abram meus

olhos para ver estas sombras/ da alma que corre em busca/ de agarrar-se ao que passou, para fugir. Casa da minha infância/ As janelas pintadas de azul que sangram, picam e devoram" (p.28). Nasce uma espécie de missão política do poeta: uma luta pelas lutas do povo, seus sofrimentos entre espinhos e punhais.

"Toda a memória está cega na saudade morta." (p.54). Diz o poeta. E vai descongelando o que virou memória. Vê que "há figuras debruçadas/ avô, avó, Tomásia, Emília e quantos/ olhavam a chuva cair desabando do telhado/ nas calhas de zinco velho" (p.56). Descreve seu bisavô a quem ninguém "lhe negou o desejo de mandar" (p.57). Revê a bicicleta que não teve. [...] Ela não veio" (p.59). [...] Tudo me diz/ que o brinquedo que sonhei e agora é chegado/ pleno de enfeites, ouro, fitas e brilhos, jamais poderá ser montado." (p.60). Acorda o avô José Adriano da Costa. Escreve a Bandeira Tribuzi referindo-se a cidade do tempo deles com Lucy e Madeira e Campelo e Luiz Carlos e Burnett e Gullar e Ôdylo e Josué. Hoje, saudade e mármore. Dá-se conta das ausências, daquelas faltas irreparáveis. Diz o poeta ao amigo: "Penso nas marés, músicas eternas/ de nossas solidões: a devoção de S.Luís/ e o sortilégio desta terra de sinos. Maranhão: / mar e paixão."

Acorda uma Canção maior para Roseana e diz: "E a madrugada com o teu chamado ao mundo, na menina que saída o dia, arranca a palavra Amor dos seus abismos para entregá-la indestrutível e pura/ a tuas pequeninas mãos" (p.74). E em "Canto quase morto" diz: "Conta-me, S. Luís, histórias do passado e/ deixa-me chorar nos rios do teu corpo."

A leitura dessa coletânea do poeta Sarney derrete a geleira da memória no calor da "amarga madrugada do recordar": é muita chuva que cai do "remoer (que) acorda solidões esquecidas". E só a alma do poeta tem "a ressurreição que surge sem sol/ cresce sem água, abre flores, dá frutos e ilumina esse travo do ter existido na sombra da memória". [...] Só a alma do poeta Sarney conhece os "velhos campos em que se fez igual a eles." (p.53). E nunca estará perdido "o velho poço", mesmo no tempo das saudades mortas.

A segunda questão que me veio ao pensamento quando convidado para apresentar a "Poesia Reunida" de José Sarney foi o porquê esta obra demorou tanto para ser editada, pois necessária — a despeito de sua literalidade — para a compreensão biográfica do autor, na sua inteireza possível, por meio de signos e de sinos poéticos memoriais, existenciais, por vezes confessionais, em uma dialética entre o político e o poeta, na qual a gestor é ator de versos, na qual a epifania questiona a lógica e o artista exclama e interroga ao gestor/governante de seu povo, sendo partícipe de suas carnes e histórias.

A "Poesia Reunida" repara um quase vácuo ou oculto na fortuna crítica e literária de José Sarney, um poeta antes do político.

**DANIEL BLUME**  
Membro da Academia Maranhense de Letras

## Poemas universais

A poesia é como pintura que se move, música que pensa. Sua vivacidade e vigor, excesso delicado, odoroso, fonte viva, luz, fogo! Em menos palavras diz mais que o texto. Procurando o belo, os poetas dizem mais verdade que os falsos donos das verdades.

Cito alguns poemas, grandes entre os grandes:

– Romancista Gitano – Garcia Lorca – As imagens surreais do grande espanhol dançam a nossa frente em sonhos e imaginação ao ritmo ardoroso do flamenco.

– Terra devastada – T. S. Eliot – Unanimidades acadêmica, o inglês nascido nos EEUU mostra a desagregação da cultura dita civilizada.

– Tabacaria – Fernando Pessoa – O poeta português que tanto influenciou o intimismo autocomplacente tupiniquim dá uma aula de melancolia.

– Jardins Invisíveis – Lezama Lima – Cubano autor de Paradiso, domina um estilo sem fim, próximo do surrealismo e do fantástico.

– Uivo – de Allen Ginsberg – O gênio da poesia beatnik mostra a verdadeira face da América, numa linguagem pessoal, torrencial.

– Altazor – Vicente Huidobro – O longo poema do chileno é uma das grandes experiências linguísticas do mundo moderno.

– Velejando por Bizâncio – W. B. Yeats – Neste poema, o Prêmio Nobel irlandês confronta arte e morte em espaços míticos.

– Cemitério Marinho – Paul Valéry – Mais do que poeta, o francês era um brilhante ensaísta, um poeta não poeta, sempre instigante.

– Jubileu – Maiakovski – O revolucionário russo nascido na Geórgia que conseguiu conciliar alta poesia com arte engajada.

– Hai Kais – Bashô – Mestre da poesia da natureza em três linhas de tese, antítese e síntese onde resume saber e vida universal.

– Hai Kais – Issa e Bushon – Discípulos de Bashô quase alcançam o brilho do mestre, porém mais ousados e até insolentes.

– Trilce – César Vallejo – O peruano foi simbolista na juventude, mas logo adentrou pelos amplos corredores sociais do latino-americano.

– O Guesa Errante – Sousandrade – O único poeta brasileiro realmente universal, atravessando o Continente, da Patagônia ao Alaska.

– Poema dos Dons – Jorge Luis Borges – O argentino conhecido por contos e ensaios tem uma poesia refinadíssima, sutil, instigante, brilhante.

– Pedra do Sol – de Octávio Paz – A inteligência, a cultura, a História são os temas do mestre mexicano.

– Os Peixes – Marianne Moore – Americana que trabalhou com uma desestruturação delicada, inteligente, dos versos e até da sintaxe.

– Céu Vazio – Wyslawa Szymborski – Escritora polonesa que foi prêmio Nobel e seu comovimento poema Miniatura Medieval.

– Acalanto – Elizabeth Bishop – Americana que se apaixonou pelo Brasil foi muito influenciada pela cultura e poesia mineiras.

– Aviso aos Navegantes – de Jamil Almansur Haddad – Poema longo, brasileiro e revolucionário do grande tradutor das Mil e Uma Noites, muito elogiado no mundo todo. Escrito em forma de Suratats.

Valeu, Marcelo  
O lateral-esquerdo Marcelo anunciou sua aposentadoria do futebol. Aos 36 anos, o jogador, que estava sem clube desde a rescisão de contrato com o Fluminense, em dezembro, deixa um legado de conquistas e atuações marcantes por Fluminense, Real Madrid e Seleção Brasileira. Revelado pelo Flu em 2006, Marcelo se destacou muito jovem e chamou a atenção do Real Madrid, onde atuou por 16 temporadas.

Em vídeo publicado nas redes sociais, Marcelo afirma:

– Minha história como jogador termina aqui, mas ainda tenho muito a dar para o futebol.

## Só acontece no Brasil

Só no Brasil uma turista morre ao visitar uma igreja histórica. Era para ser um lugar resguardado. Era para ser um lugar vistoriado. Era para ser um lugar certificado. Porque não estamos falando de qualquer ponto turístico, mas da Igreja de São Francisco de Assis, um dos principais cartões-postais de Salvador (Bahia), uma das Sete Maravilhas de Origem Portuguesa no mundo, fundada no século 18, com o interior revestido em ouro, tombada como patrimônio cultural do Brasil, um dos mais requisitados cenários de visitaçao do país.

Você pode morrer agora por querer rezar. Você pode morrer agora pedindo proteção aos santos. Você pode morrer agora contemplando as imagens de São Pedro de Alcântara, São Benedito, São José, Coração de Jesus, Santo Antônio e São Francisco de Assis no altar-mor.

Houve o desabamento de parte do teto da Igreja de São Francisco de Assis, conhecida como Igreja de Ouro. Giulia Panchoi Righetto, de 26 anos, moradora de São Paulo, não resistiu. Outras cinco pessoas ficaram feridas no Centro Histórico de Salvador, no início da tarde de quarta-feira.

Por algumas horas, a tragédia não aconteceu durante a missa. O segmento que desmoronou é exatamente onde os fiéis permaneciam durante as celebrações. Lição musical esplêndida, iniciada com o DJ Sérgio Murilo, seguido pelo cantor maranhense Marcello Rabelo, que fez uma apresentação impecável, e o internacional Daniel Boaventura, que mais uma vez levou o público maranhense ao delírio, com um repertório de grandes sucessos nacionais e estrangeiros. Uma bela e concorrida noite, como há muito tempo não acontecia em São Luís.